
A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE UMA PERSONAGEM HISTÓRICA NAS MINISSÉRIES TELEVISIVAS

Michelli Machado*

Resumo

O artigo busca fazer algumas considerações sobre a midiatização da narrativa histórica em minisséries, a partir de uma análise da construção ficcional de personagens históricas feita pela televisão. A figura da Princesa Isabel nas minisséries *Abolição* e *República* apresenta-se como cenário para essa análise de personagens reais apresentadas por releituras contemporâneas da história. Autores como Coutinho, Martín-Barbero e Rey nos ajudaram entender a metodologia audiovisual de análise da imagem e servirão de base teórica para a construção do exercício proposto nesse texto.

Palavras-chave

Minisséries Históricas; Midiatização; Imagem; Televisão.

Abstract

The article seeks to make some considerations about the mediatization of the historical narrative in miniseries, based on an analysis of the fictional construct of historical characters made on television. The image of Princess Isabel in the miniseries *Abolição* and *República* presents itself as scene to this analysis about real characters presented by contemporary readings of history. Authors as Coutinho, Martín-Barbero and Rey helped us understand the methodology audio-visual of analysis of image and serve as a theoretical basis for the construction of the proposed exercise this text.

Keywords

Historical Miniseries; Mediatization; Image; Television.

AMBIENTAÇÃO DO TEMA

O tema que norteia essa pesquisa está ligado à forma com que a narrativa histórica é recriada pela produção de minisséries baseadas em fatos e personalidades históricas, ou seja, a forma como a televisão nos reapresenta a história. As minisséries que abordam fatos e personalidades históricas chamam atenção pela regularidade¹ com que são produzidas e exibidas, e pelo interesse despertado pela história a partir de biografias. Sem que seja necessário um estudo de recepção, podemos observar que o que circula na mídia é uma demanda da sociedade e que as biografias são uma tendência de nosso tempo.

Se olharmos as obras de ficção baseadas em realidades históricas, veremos que são narrativas de fatos históricos, no presente, a partir de uma visão contemporânea e midiatizada dos

acontecimentos. O diferencial das minisséries históricas dentre as demais obras de ficção é que suas narrativas, não buscam só entreter e comunicar, mas também informar sobre determinados fatos da história e fazer pensar sobre essa história, dando ao telespectador a possibilidade de “reviver”, ainda que de forma ficcional, fatos históricos, com uma narrativa envolvente, em que cada capítulo pode se tornar uma nova aventura.

Essa fascinante sensação de colocar-se no lugar do outro, assumindo outra identidade, produzida pelas obras de ficção, se intensifica nas tramas históricas, uma vez que fatos e personalidades reais estão sendo apresentados. Com isso, a imaginação pode levar o telespectador a uma volta ao passado, a partir de um passado construído e ficcional, mas que teve existência concreta. Ou seja, esse passado de fato aconteceu, já

que existem registros que apontam para isso, no entanto a construção apresentada pela televisão é uma ficção. Adayr Tesche (2006) aponta que a sedução das minisséries históricas acontece a partir da ilusão criada, que faz que por um instante, acreditemos ter vivido outra vida, numa milagrosa ampliação da nossa experiência. Sendo assim, a experiência vicária provocada por todo tipo de narrativa, ganha força e intensidade nas narrativas históricas.

As vinculações entre o tema estudado e o audiovisual se firmam a partir da visão do que está atrás das câmeras na construção das minisséries. Jacques Aumont (2002) nos ajuda a desvendar um pouco dos bastidores que formam a construção de uma obra cinematográfica. Muitas das afirmações feitas pelo autor, também se enquadram à televisão e às minisséries. Segundo Aumont, a impressão de analogia com o espaço real produzida pela imagem fílmica é tão grande que nos faz esquecer que além do quadro que se vê não há mais imagem. Como uma janela quando revela um fragmento do mundo imaginário. O campo é visível, o fora do campo não é (bastidores, personagens, cenários). A soma do campo mais o fora do campo é que forma o espaço fílmico. As fronteiras da narratividade, assim como as da representatividade muitas vezes, são difíceis de traçar, há uma confusão entre espaço fílmico e real. Nas minisséries esse conflito é mais forte, devido ao convívio diário entre o telespectador e a obra. No caso das minisséries históricas ainda tem o aspecto do fato ter acontecido, o que gera uma maior credibilidade.

A partir de um estudo das minisséries *Abolição e República* produzidas pela Rede Globo, buscaremos descobrir como minisséries históricas produzidas pela Rede Globo contam a história nacional enfocando a construção psicológica de personagens históricas para reconstruir fatos reais a partir da midiatização dessas personagens em sua narrativa audiovisual.

Para dar conta de resolver esse problema a metodologia de observação se firmará em três eixos: análise das minisséries, entrevistas, circulação das obras. No entanto, esse artigo, abordará somente a primeira metodologia citada, ou seja, análise das minisséries. A análise buscará estudar como ocorre a construção das personagens históricas centrais e sua representatividade dentro das obras, esse será o eixo de ligação entre as minisséries, que nos possibilitará perceber como ocorre a construção midiatizada dessas figuras históricas. Para tanto, a metodologia utilizada nessa etapa da pesquisa será a análise de imagem².

Em um segundo momento, buscaremos fazer conexões entre as tramas observando a multiplicidade de elementos que constitui cada obra, as linhas de fuga, intensidades e os diversos modos de codificação. Trata-se de observar em sua própria estrutura e movimentos internos, índices das condições e dos processos de produção – o que nos dará base analítica para voltar à produção e ver como isso se deu, uma vez que já temos o produto (as minisséries).

APRESENTANDO AS OBRAS ESCOLHIDAS

A partir da leitura de um texto síntese das obras e de assistir cada uma das minisséries, algumas impressões sobre as obras foram surgindo e serão apresentadas a seguir, juntamente, com um breve resumo de cada uma das histórias, apresentando personagens principais e fatos mais relevantes narrados pela trama. Essa apresentação busca situar o leitor e apresentar dados de produção e audiência das obras.

Abolição foi ao ar de 20 a 25 de novembro de 1988, como comemoração ao centenário da abolição no Brasil. A minissérie teve apenas 04 capítulos onde apresentou a violência da escravidão no Brasil e os bastidores da assinatura da Lei Áurea.

A obra que buscou ter uma abordagem didática foi escrita por Wilson Aguiar Filho, e contou com a colaboração do historiador Joel Rufino dos Santos e com a ajuda do também historiador Francisco Alencar, que durante dois meses estiveram à frente do trabalho ao lado da equipe de produtores para assessorar na reconstituição histórica do período. Esta foi a primeira parceria da Rede Globo com produtoras independentes, a Avan e a Cininvest Produção Vídeo Cinematográfica.

A minissérie começa de forma impactante, mostrando bem as diferenças entre brancos e negros, luxo e castigo. Pouca luz, uma fotografia escura, quase sombria mostra flashes entre a vida dos brancos e a crueldade da escravidão, que mesmo em vias de acabar, se mostra ainda bastante forte. Entre as cenas há um barulho de chibata, que pode deixar o telespectador aflito e incomodado.

A obra retrata as fugas planejadas dos escravos em meio, sempre, a muita violência. Personagens históricos importantes para a abolição como Rebouças ou Patrocínio são apresentados ao telespectador, mas sem um maior aprofundamento. O personagem principal, em volta do qual a trama se desenvolve não é histórico: Lucas, um negro alforriado. A minissérie mostra a insatisfação do povo contra o Barão de Cotegipe e menciona que além da princesa Isabel, também seu marido, conde D'Eu e até mesmo o imperador, D. Pedro II, eram abolicionistas. Nessa obra D. Pedro II não aparece mais que poucos segundos, escrevendo uma carta à filha.

Abolição traz muita política e por ser uma obra curta, nenhum tema é aprofundado, apenas “pincelado”. É uma obra pouco sedutora e em algumas cenas mistura ópera e violência, em flashes alternados, algo que pode causar tensão no telespectador. Desde a abertura é uma obra tensa e escura.

Um ponto interessante da minissérie é o fato da líder dos negros ser uma mulher.

Um fato histórico relevante mencionado é que antes mesmo da abolição, São Paulo é declarada sem escravos. Cantos africanos e pequenos trechos falados em iorubá e o cuidado de italianos falarem de fato a língua italiana, e não uma mistura de português com expressões italianas, enriquece culturalmente a obra, mostrando o cuidado na reconstituição dos tipos que circulavam na Corte e na zona rural na época.

Dentro da história narrada pela minissérie, a obra mostra que: nas ruas algumas pessoas já pensam na república, como um regime que fará a reforma agrária; a força dos ritos religiosos africanos; os senhores de escravos falidos com a abolição; o fim trágico de muitos negros após a abolição, sendo mortos em tocaias feitas por brancos, seus ex-donos.

A obra teve baixa audiência, talvez porque seu enredo não tenha conseguido prender o telespectador. Não existem elementos para seduzir os receptores, como um romance, por exemplo. A obra nunca foi rerepresentada, nem vendida a outros países, tampouco foi produzida em DVD pela emissora⁴. A circulação da mesma se restringiu a poucos artigos publicados na época e a circulação oficial em livros produzidos pela Rede Globo e no site Memória Globo.

A obra não busca retratar a vida de uma personagem histórica, como a princesa Isabel, ou mostrar a escravidão e a abolição sob o viés de uma personagem, a partir de sua relação com o assunto de forma quase biografia. Mas, mais que contar a história da abolição pelo viés do anônimo, a obra tem a preocupação de retratar a violência da escravidão.

República foi ao ar de 14 a 17 de novembro de 1989, assim como Abolição, foi exibida em comemoração ao centenário da proclamação da república no Brasil. Em 4 capítulos falou sobre o fim da monarquia no Brasil e o golpe militar que proclamou a

república no Brasil. República teve a mesma equipe de produção que Abolição.

As duas minisséries fizeram parte do mesmo projeto. São obras casadas, complementares. Uma estrutura única foi criada para as gravações das duas minisséries, uma vez que ambas se passavam em cenários semelhantes e tinham personagens em comum. Alguns atores participaram das duas produções, interpretando os mesmos personagens, como, por exemplo, Luiz Antonio Pillar, Tereza Rachel e Carlos Kroeber. Segundo o diretor de República a obra foi um produto com maior preocupação didática do que dramática. A assessoria histórica ficou por conta de Francisco Alencar e Joel Rufino, que coordenaram toda a pesquisa de reconstituição dos fatos.

A abertura da obra parece feita de imagens reais de jornais da época, com umas fotos sobrepondo-se às outras. Durante a minissérie, em muitos momentos há batidas de tambor, como numa marcha militar para causar suspense. O recurso parece se uma tentativa de causar angústia no telespectador, como as batidas de chibata na obra anterior. No entanto, podemos inferir, que essa marcha seria uma forma de mostrar que o movimento foi um golpe militar, o que é ignorado por muitos estudantes ainda hoje, quando fazem o feriado de 15 de novembro. Outra possibilidade é entender as batidas de tambor como a marcha da república se aproximando.

A obra mostra que o movimento republicano era algo esparso, que o desejo do povo na verdade era derrubar o ministério do Visconde de Ouro Preto, não a monarquia. O desejo de república nunca foi um movimento popular. Havia uma guarda negra, formada por ex-escravos que buscava controlar a movimentação dos republicanos.

Benjamim Constant é mostrado pela obra como um agitador que busca fazer a república, sem ter coragem de lançar-se presidente. Sem constrangimentos confabula pelas costas de Deodoro da

Fonseca (retratado como fraco) doente e manobrado pelos militares, que o usam para dar o golpe⁴.

O último baile do império, na Ilha Fiscal é mencionado pela obra, mas não é exibido pela minissérie. Lucas (o mesmo protagonista da obra anterior) continua protagonizando República, mesmo sem ser uma figura histórica, ou talvez, por isso mesmo. Há uma intenção de romance por parte de Lucas com uma moça branca, mas que não se concretiza, o que expressa a questão do racismo.

A obra é mais clara (quanto à iluminação), mais leve e conta com alguns momentos engraçados e de descontração, diferente de Abolição. Há um fato que cruza a obra que é um homem do povo (representado por Grande Otelo) que tenta desde o primeiro capítulo entregar uma carta para a princesa Isabel e até o final não consegue. Quando a família real vai embora do Brasil, em meio a confusão, esse homem morre, a carta nunca é entregue e o telespectador fica sem saber o que continha na carta.

A obra retrata bem a preocupação do imperador que o Brasil se fragmente em muitas repúblicas e mostra que os principais problemas para um terceiro reinado era o fato da herdeira do trono ser mulher e seu marido estrangeiro e impopular. A cultura branca e machista contrasta com o mostrado na minissérie anterior, onde uma mulher era a líder dos negros, respeitada por todos.

O golpe militar é o enfoque central da trama que mostra que foi através de boatos de que haviam prendido Deodoro da Fonseca (uma mentira) que a república se fez. Um golpe mentiroso dos militares para acabar com um regime que contentava o povo. O imperador mostra-se digno, mas sempre muito despreocupado, parece que sem forças, ou vontade de lutar para manter o império. Sendo assim, toda a família real abandona o país, quase que fugidos, no meio da noite por ordem militar. Assim como na

obra anterior, a minissérie não é escrita a partir da visão de um personagem histórico.

METODOLOGIA DE ANÁLISE AUDIOVISUAL

As metodologias de análise em meios audiovisuais são diversas, passando pelo Método Semiótico, Análise de Conteúdo, Análise do Discurso, Análise Hermenêutica e Análise da Imagem. Cada uma das metodologias busca estudar a produção de sentidos que imagens podem provocar adaptando o método ao tipo de meio a ser observado e às descobertas pretendidas em cada pesquisa. O movimento, a linguagem e as relações entre o objeto e a metodologia escolhida compõem ângulos a serem abordados em uma análise audiovisual, em que a desconstrução de uma imagem, às vezes, pode atuar procurando revelar possibilidades ainda não percebidas de leituras. Escolhemos para esse exercício, a ser realizado em seguida, a Análise da Imagem buscando fechar o foco e mostrar a capacidade que a imagem tem de comunicar uma mensagem.

A partir das pesquisas em comunicação, a Análise da Imagem apresentada por Iluska Coutinho (2005) se divide em três eixos: 1) Imagem como documento – abordagem de caráter mais etnográfico, ponto de partida a fotografia e o registro técnico. Fotografia como prova, garantia decisiva de que o fato realmente aconteceu, apelo da evidência. 2) Imagem como narrativa – aspectos discursivos da imagem, análise dos registros não verbais, imagem ora como linguagem, ora como ilustração. Diferente do enfoque documental, o eixo de trabalho nesse item é a imagem em movimento, televisiva ou fílmica. 3) Imagem como exercício de ver – defende que é fundamental realizar uma reflexão sobre as imagens, a imagem como forma de conhecimento, relação entre imagens e palavras.

Buscaremos analisar a personagem histórica da Princesa Isabel nas minisséries

Abolição e República, a partir da Análise de Imagem como exercício de ver, levantada por Coutinho (2005) e a partir do texto de Martín-Barbero e Rey (2004), citado pela autora e intitulado Os exercícios do ver. A Análise de Imagem como exercício de ver, é a mais subjetiva das três possibilidades de análise apresentadas por Coutinho, no entanto, é a que parece melhor dar conta da análise que pretendemos fazer. No livro os autores falam dos novos modos de perceber, ver, ouvir, ler, e aprender. Das muitas interfaces comunicativas entre os diferentes meios e destes nos diferentes espaços comunicativos do consumo e criação. Do novo lugar da imagem, que passa a ser vista como um outro modo de conhecer e de construir o conhecimento através de novas linguagens e outras formas de expressão.

Coutinho (2005) ainda fala em seu texto das etapas e procedimentos fundamentais a esse tipo de metodologia, o que nos ajuda a pensar nosso objeto e traçar possíveis eixos de análise. A autora fala sobre os percursos para análise da imagem e dos processos metodológicos de leitura, interpretação e síntese. A transposição de códigos visuais em signos lingüísticos, a mudança dos códigos visuais para os verbais e da subjetividade na transposição, que deve levar em conta o contexto de produção e recepção da mensagem e a história da imagem.

Uma das maiores dificuldades em todas as pesquisas é direcionar o olhar, Coutinho fala sobre dar uma direção ao olhar, sobre aspectos técnicos, de conteúdo ou significação e valores estéticos. Na leitura de uma imagem, vários valores dialogam entre si, por isso a autora dá pistas de características que devem ser observadas durante a leitura de um registro visual: enquadramento da imagem (recorte feito pelo produtor do registro visual, indica o quanto a imagem mostra da cena representada), relação entre fundo e figura

(profundidade), planos (geral, detalhe – cada tipo tem uma função narrativa), composição da imagem, utilização de ângulos de visão, luzes e cores.

O enfoque da Análise da Imagem a ser desenvolvida buscará direcionar o olhar por meio da personagem histórica, que será analisada a partir de sua midiatização observando três pontos de sua construção: densidade psicológica (características pessoais), releitura contemporânea (linguagem, atitudes, roupas) e ficção controlada (fatos, datas, características físicas).

A densidade psicológica se configura a partir do momento em que as personagens históricas passam a “freqüentar” nossas casas, diariamente, através das minisséries e deixam de ser só nomes para tornarem-se “pessoas”, ou seja, deixam de ter importância apenas por seus feitos histórico e passam a ser apresentados de forma mais complexa, considerando elementos da personalidade de cada um. Essa densidade psicológica faz com que no encadeamento da história fatos políticos façam sentido a partir da vivência psicológica das personagens. Desta forma, o processo de formação das personagens se dá a partir de elementos psicológicos que servem de pontos historiográficos nessa outra forma de “ensinar” história.

As minisséries históricas se apresentam para a sociedade como uma outra forma de contar a história, diferente de uma visão tradicional leiga, que, infelizmente, uma grande parcela do ensino de história ainda hoje utiliza, que limita-se a uma enxurrada de nomes e datas. Essa forma de contar a história proposta pelas minisséries, prioriza o contexto em que os fatos se deram e não apresenta apenas os fatos históricos de forma estanque, mas busca mostrar as causas que desencadearam tais acontecimentos. Na verdade, favorecem alguns pontos de vista, e recontam a história sob um viés de causas pessoais, ou seja, personificam as causas e a própria história, onde acontecimentos

políticos são retratados na medida em que fazem sentido para a vida pessoal das personagens históricas.

A releitura contemporânea da história acontece com a ajuda de recursos ficcionais que constroem um mundo imaginário que possivelmente compôs alguns acontecimentos históricos. Essa reconstrução de como a história pode ter acontecido se dá por meio de narrativas modernas, numa estreita relação entre literatura e televisão. O que, na verdade, essas narrativas televisivas mostram é a criação de uma realidade a partir das imagens e novas possibilidades de escrita, ou seja, uma revisão do que já foi visto. Há dois momentos de releitura quando falamos de obras de ficção baseadas na história, a do autor das minisséries, sobre as informações históricas consultadas, e a dos telespectadores, sobre a interpretação proposta pelo autor e oferecida pelas minisséries, que criam novos sentidos para fatos já conhecidos.

As minisséries históricas são uma espécie de ficção controlada, pois trabalham sentidos históricos articulados a elementos de ficção. Através do audiovisual a representação de uma época é criada e com ela, uma memória vai sendo construída, com o uso de imagens que geram identificação com o presente vivido a partir do passado elaborado pelos autores das minisséries. Essa transição entre fatos históricos, registros oficiais, discursos de historiadores, textos literários até minisséries históricas mostra a evolução de alguns elementos e a perda de outros, numa transformação de linguagem e de tempo que pressupõe mudanças, mas mantém vestígios históricos criando a idéia de ficção controlada.

A midiatização da narrativa histórica em minisséries televisivas funciona como um dispositivo de memória para sociedade. Por um lado essas obras trazem à tona acontecimentos históricos gerando uma reflexão sobre os fatos e fazendo a

história circular e com essa circulação, se resignificar. Por outro lado, essas obras podem ser entendidas como dispositivos de memória, porque dão rostos a figuras históricas, ou seja, criam imagens no imaginário social por meio da ficção.

Segundo Henri Bergson (1999), o movimento de percepção ou de reconhecimento de uma imagem se faz a partir de imagens-lembranças de nossa memória, sendo que algumas lembranças seriam sempre dominantes, verdadeiros pontos brilhantes em torno dos quais os outros formam uma vaga nebulosidade. Diante desta visão de Bergson, pode-se tentar entender a construção televisiva atual de fatos históricos ocorridos muito tempo atrás. As minisséries históricas funcionam com uma linha intermediária entre a existência do fato e sua representação ficcional. Estas reconstruções da história se norteiam por episódios importantes - registrados em documentos - que seriam os “pontos brilhantes” e o contexto que envolvia tais situações, que podem ser entendidos como uma “vaga nebulosidade”, conforme o autor. No entanto, é importante não perder de vista que cada obra acentua diferentes pontos brilhantes na construção de suas tramas.

TENTATIVA DE UM EXERCÍCIO PRÁTICO DE ANÁLISE

Esse exercício de análise da imagem da personagem histórica da Princesa Isabel nas minisséries *Abolição e República*, não buscou estabelecer um caminho linear de observação, mas analisar de forma cartográfica⁵, ou seja, fazendo uma seleção voluntária a partir de uma flutuação involuntária da atenção com base no conceito de atenção flutuante de Sigmund Freud ou reconhecimento atento de Henri Bergson. A intuição como método, descrita por Bergson (2006) e trabalhada por Gilles Deleuze (1999) que busca perceber a duração como tempo qualitativo e fazer uma combinação de múltiplos em um,

também nos ajudará a perceber os sentidos das imagens produzidas pela minissérie. A análise a ser desenvolvida se firmará em três eixos: densidade psicológica, ficção controlada e releitura contemporânea. Essa organização de ângulos a serem observados tem o objetivo de direcionar o olhar com base em códigos visuais e verbais.

A densidade psicológica da personagem histórica da Princesa Isabel é pouco explorada nas minisséries *Abolição e República*. Ao contrário das demais obras a serem trabalhadas em que a construção da trama parte da figura histórica central, nas obras *Abolição e República* o fio condutor da narrativa está na personagem ficcional do povo e não na personagem real e histórica. Mesmo assim, esse ângulo de observação aparece em cenas em que o autor mostra a Princesa Isabel em momentos íntimos, de conversa com seu marido, por exemplo, onde demonstra uma personalidade serena, íntegra e firme, apesar de às vezes insegura quanto à situação política do Brasil. O entrosamento entre a Princesa e o marido e o caráter constitucional de suas decisões, também são elementos que compõem as características pessoais da Princesa.

A construção das características psicológicas da Regente não acontece somente nas cenas em que a personagem aparece, mas em cenas que outras personagens da trama falam sobre a Princesa, como é o caso da cena em que José do Patrocínio afirma acreditar no caráter abolicionista da Princesa Isabel, em oposição a Ângelo Agostini que acredita que a abolição não é um real desejo da Regente. Nesse momento, o telespectador fica livre para completar essa característica psicológica da Princesa, sendo que indícios do texto apontam para as duas possibilidades, numa construção ambígua que não deixa clara a posição da princesa.

As minisséries *Abolição e República* são obras de ficção, mas por recontarem uma parte importante da construção do Brasil como nação e partirem de uma série

de documentos históricos, são uma espécie de ficção controlada, pois obedecem a mínimos registros factuais. As obras foram construídas de forma bastante verossímil apresentando alguns pontos históricos importantes, como as divergências políticas entre a Princesa Isabel e o Barão de Cotegipe, as obras ainda buscam reproduzir, nas cenas em que a Princesa Isabel aparece, falas oficiais, dando assim credibilidade histórica às obras. No entanto, a intérprete da Princesa, não se parece muito com os retratos feitos da Princesa Isabel. A atriz escolhida para interpretar a Regente é mais morena, mais magra e mais sisuda do que as pinturas que retratam a imagem da Princesa Isabel, como podemos observar no quadro abaixo. É como se a Princesa real fosse mais “colorida” do que a apresentada pelas obras de ficção *Abolição e República*.

A primeira imagem é um retrato da Princesa Isabel, a segunda imagem é uma fotografia a atriz Tereza Rachel no papel de Princesa Isabel nas minisséries *Abolição e República*.



As obras que mediatizam a história através da narrativa audiovisual são releituras contemporâneas da história, a partir da visão dos produtores das tramas. Como são obras audiovisuais, nos possibilitam uma releitura (com imagens) a partir da criação proposta por quem escreveu as obras. A linguagem, os tons dos figurinos, a atitude dos personagens, são indícios do

tipo de clima que as cenas buscam passar aos telespectadores e o tipo de releitura da história que tais obras propõem.

Vamos descrever algumas cenas das obras para tentar apresentar a força da imagem no audiovisual. Na cena em que a Princesa Isabel e o Conde D’eu conversam sobre a situação difícil em que o país se encontra, um pouco antes da abolição, a Princesa Isabel aparece apreensiva, em um vestido preto, a cena traz tons fechados, ambiente interno do palácio, bastante escuro, buscando apresentar a tensão daquele momento em que a personagem vive. Em outra cena, quando a Princesa recebe uma carta do pai, em que esse dá notícias, e de certa forma, “autoriza” a Regente a fazer a abolição, o ambiente é claro. A cena da leitura da carta acontece em um jardim do palácio com bastante sol, uma das poucas cenas claras e iluminadas das obras, que como já foi mencionado, são bastante escuras. Nessa cena, a Princesa Isabel aparece num vestido claro, branco com azul, demonstrando um momento mais tranquilo da narrativa. A terceira cena que descreveremos, é o momento em que ocorre a assinatura da Lei Áurea, a abolição da escravatura, em 13 de maio. Nessa cena, a Princesa está feliz com a concretização da abolição. O vestido verde claro mostra que o momento é de alegria. Embora a cena aconteça em ambiente interno, há mais claridade do que na maioria das cenas em ambientes internos, apresentadas pelas minisséries. Nessa cena, José do Patrocínio, ajoelha-se aos pés da Princesa e a consagra Redentora de um povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Interpretar é usar o seu acervo cultural para digerir as interpelações recebidas. Há boas e más interpretações – mas o saldo, positivo ou negativo, é uma aprendizagem”, afirma José Luiz Braga (2002, p.8). Segundo o pesquisador, na aprendizagem midiática

estamos usando nossas competências de aprender e coisas já aprendidas ou recebidas de outros espaços, como a escola, a família, a cultura e as práticas cotidianas.

Diante dessa afirmação, o exercício de análise da imagem realizado nesse artigo apontou que há muitos modos perceber, ver, ouvir, ler e apreender uma imagem audiovisual. A partir de ângulos que as próprias imagens apontam e as próprias minisséries apresentam, podemos observar como ocorre a mediação da narrativa histórica por meio da construção ficcional das personagens históricas centrais recriadas pelas tramas.

Através dos eixos de observação que nortearam essa análise e da capacidade de aprender nos processos midiáticos, encontramos a possibilidade de entender a imagem como um exercício de ver, conforme sugerem Martín-Barbero e Rey, ou seja, a imagem vista como um outro modo de construir conhecimento, o conhecimento midiático. Tais observações se deram por meio de códigos visuais e verbais mostrados através de luzes, cores, figurinos e detalhes de personalidade. Esses ângulos nos possibilitaram a compreensão de uma outra imagem histórica que é reconstruída a partir da mediação de personagens reais em minisséries de época.

NOTAS

* Jornalista, mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS e pesquisadora do Grupo OBITEL. E-mail: michelli_machado@yahoo.com.br

¹ Segundo o livro Guia Ilustrado TV Globo: novelas e minisséries/ projeto memória globo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010, até o ano de 2010 foram 66 minisséries produzidas pela emissora, dessas, a partir de uma leitura nos textos sínteses das obras, consideremos 22 como minisséries históricas.

² COUTINHO, Iluska. Análise da Imagem In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005. MARTIN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. 2 ed. São Paulo: Senac, 2004.

³ De todas as 66 minisséries até hoje apresentadas pela Rede Globo, apenas Bandidos da Falange, Padre Cícero, Abolição e República não foram produzidas em DVD.

⁴ Mas, como a história nos mostrou e como a obra relata em forma de texto ao seu final, apesar de doente, Deodoro da Fonseca ficou 3 anos no poder e foi um tremendo ditador, governando o Brasil com mãos de ferro.

⁵ KASTRUP, Virginia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: Revista Psicologia e Sociedade: jan/abr. 2007

REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. **A estética do filme**. 2ª ed. São Paulo: Papiros, 2002.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERGSON, Henri. A duração e o método. In: **Memória e vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRAGA, José Luiz. Aprendizagem versus Educação na Sociedade Mediatizada. **Revista Geraes – Estudos em Comunicação e Sociabilidade**, nº 53. Belo Horizonte: PPG Comunicação/UFMG, 2002.

COUTINHO, Iluska. Análise da Imagem In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

DELEUZE, Gilles. A intuição como método. In: **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 1999.

KASTRUP, Virginia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: **Revista Psicologia e Sociedade**: jan/abr. 2007.

MARTIN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. **Os exercícios do ver:** hegemonia audiovisual e ficção televisiva. 2ed. São Paulo: Senac, 2004.

TESCHE, Adayr. A midiatização da história nas minisséries da Globo. In: **Unirevista**, vol.1, n° 3. São Leopoldo: ALAIC, 2006.